

SIRGADORA DAS NUVENS

Emílio Westphalen

Sirgadora das nuvens tiradas dos teus cabelos
No silêncio erguido de dois mares paralelos
E cada limbo forjado com teus novos olhares
E cada esperança livre de revolver
Pântanos e silvados para encontrar as pérolas
Cobertas de sete palmas admiráveis de losangos
Outra coisa de não dizer-te temerária nos acasos
Recolhidos os temores renascidas as esperanças
Desdobrados os sorrisos revoltas as franjas
Floridos os dentes as lágrimas tilintantes
Entre um crepitar de fogo contra música de menina contra sonho
Chilreantes as alegrias menina de ver-te e menina
A tocadora de pratos suaves quais mãos
Clarins de ouve-me que não respondo
Sob sombras de aves e dourados céus
E lágrimas acrescidas por carregar no seu globo
Os amorosos acordes de inaudíveis alegrias
Segundo um crescente rumor de ondas de trapo
Em pétalas mais vastas que a estatura humana
E abelhas a libar em nossos lábios
Assim para não compreender a cortina que baixa cada beijo
Esgotados os mármore para as pombas da graça
Alguns ciprestes algo destinados ao outro céu
Às voltas sem cansaço sem deixar cair a copa
Um repuxo abanado de brilhantes
Uns piões rasgados mostrando as marés de seus corações
Uma seda fiada do mel de teus lábios
Umhas aves a extraviar-se em teus cabelos
Suporte do frio tua frente cristal completo
E uma nuvem deitada junto ao silêncio trémulo
Cadência após cadência de pálpebras cerradas após pálpebras
Nas barcas balanceadas umas mãos solitárias
Despejadas as auras com alento dos rios
E outras mãos líquidas para encontrar tateantes
E algo como cabeças a rolar nas escadas
E algo como frutos subidos de círculo em círculo
Até ao gozo aos arcoíris às brisas trepassando as fronte



Com cuidado cedendo às palavras e levantando rios
Havia tantos ninhos de doçura e silêncio entre as nossas bocas
Entre as nossas mãos tanto anseio de enraizar-se numa só
Nos teus olhos via-se melhor o mundo
Maior e mais pesado de lírios
Deitada como um sonho ou uma nuvem
As ostras presas das paredes do teu sonho
As pérolas caindo das tuas mãos como palavras
Vejo-te sempre assim abandonada num litoral de risos
Entre escarpas banhadas pelas nossas moedas vacilantes
Mais frágil menina mais frágil que o teu retrato na água
Ou que tu própria erguida até às nuvens
Ou que tu própria deitada em meus olhos
As pérolas do amor contadas por tuas mãos cresciam como palavras
Ou flores da tua árvore de riso
Ou silêncio de tuas mãos carregadas de um mundo pesado de lírios